

ESCOLA MARIAS

AGRICULTURAS URBANAS E PERIURBANAS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE







ESCOLA MARIAS

AGRICULTURAS URBANAS E PERIURBANAS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Ficha Catalográfica

A448e Almeida, Aniérica.

Escola Marias: agricultoras urbanas e periurbanas na Região Metropolitana do Recife./ Aniérica Almeida, Gabriel Hirata de Lima, Simone Arimatéia, Revisão: Rosa Sampaio, Ilustração: Carol Barreto
Recife: Centro Sabiá, 2025
40 p. : il. (Série Conhecimento)

ISBN-978-65-992530-4 -1

1. Agricultura Urbana. 2. Agricultura Periurbana 3. Agroecologia
4. Comunidade. 5 Comida de Verdade. 6. Mulheres Periféricas I. Lima,
Gabriel Hirata de . II. Arimatéia, Simone . III. Título. IV. Série.

CDD 630

Ficha elaborada pela Bibliotecária Marleide Irineu dos Santos – CRB-4/1001

SUMÁRIO

Apresentação.....	6
Introdução.....	9
Capítulo 1: Metodologia de assessoria técnica para agriculturas urbanas e periurbanas do Centro Sabiá	11
Capítulo 2: Escola MARIAS: Mulheres e agriculturas urbanas - Iniciativas Agroecológicas para Sustentabilidade	15
2.1 - Porque uma escola para as MARIAS?.....	15
2.2 - As múltiplas agriculturas urbanas.....	15
2.3 - Projeto Político Pedagógico da Escola MARIAS.....	16
2.4 - Os frutos da Escola MARIAS	20
Capítulo 3: O ABC das MARIAS.....	25
Capítulo 4: O que o Centro Sabiá aprendeu com a Escola MARIAS	29
Capítulo 5: O que a experiência da Escola MARIAS e da assessoria técnica do Centro Sabiá aponta como necessidades para o fortalecimento da Agriculturas Urbanas e Periurbanas (AUP).....	31
Bibliografia.....	33
Expediente.....	34



APRESENTAÇÃO



O Centro Sabiá é uma Organização Não Governamental fundada em 1993 e que surgiu no momento em que a fome no Brasil atingia números alarmantes da população. O trabalho desenvolvido ao longo de mais de 30 anos orienta e estimula que as famílias agricultoras pratiquem um tipo de agricultura que, ao mesmo tempo em que produz, cuide também do meio ambiente, que produza alimentos saudáveis, que gere renda e melhore a sua qualidade de vida e que, sobretudo, paute a garantia de direitos fundamentais das mesmas.

O trabalho do Centro Sabiá é desenvolvido com base referencial na Educação Popular cujo objetivo visa a transformação da sociedade, a partir da capacidade crítica de leitura da realidade e tendo como sujeitos centrais os indivíduos e as comunidades no processo de aprendizagem. A abordagem utilizada na assessoria às famílias camponesas, rurais ou urbanas, toma como orientação o desenvolvimento de processos dialógicos e participativos com base na construção coletiva do conhecimento agroecológico, onde os conhecimentos empíricos e tradicionais dos/as agricultores/as e técnicos/as interagem, visando a adoção de práticas agrícolas cada vez mais sustentáveis.

A partir de 2016, o Centro Sabiá iniciou os trabalhos voltados para o desenvolvimento da Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) na Região Metropolitana do Recife (RMR), cujo foco foi dire-

cionado para o fortalecimento e luta pela Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), com base na educação alimentar e na dimensão terapêutica da relação com a terra e do autocuidado, de populações urbanas periféricas, em especial grupos de mulheres.

A primeira experiência de agricultura urbana assessorada pelo Centro Sabiá iniciou em 2016, na comunidade periférica de Palha de Arroz, Zona Norte do Recife. Desse processo, participaram 20 mulheres que eram ligadas a uma cooperativa de reciclagem e foram implantados quintais produtivos e uma horta comunitária que desenvolve seus trabalhos até os dias atuais. Outra experiência assessorada pelo Centro Sabiá surgiu no contexto da Pandemia da Covid-19. A Horta Popular Agroecológica Dandara, localizada no bairro de Peixinhos, em Olinda, nasce de uma parceria do Centro Sabiá com a campanha Mão Solidárias, a Biblioteca Comunitária Multicultural Nascedouro e movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra - MST, a Marcha Mundial das Mulheres e o Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos - MTD. Esse grupo vem, há cinco anos, transformando um espaço ocioso, e que servia como depósito de lixo, em um espaço verde, de produção de alimentos e convivência social.

Em 2022, o trabalho do Centro Sabiá, em parceria com as Ongs Casa da Mulher do Nordeste e FASE, foi ampliado para 20 comunidades com 380 participantes, a maioria mulheres da periferia das cidades do Recife, de Paulista, Olinda, São Lourenço da Mata, Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, todas na Região Metropolitana do Recife. Foram assessoradas um total de 17 Hortas Comunitárias e 55 quintais produtivos, todos planejados com base nos princípios da Agroecologia.

Outro elemento importante de destaque dessa atuação trata-se da ação em Rede que vem sendo desenvolvida nesse território. Desde 2018, o Centro Sabiá em conjunto com outras organizações parceiras da RMR, constituem a Articulação de Agroecologia e Agricultura Urbana e Periurbana da RMR (AUP RMR). A ação em rede realizou o primeiro mapeamento das experiências de AUP do território e desenvolveu iniciativas de incidência política, a exemplo da conquista da Política Municipal de Agricultura Urbana, aprovada no município de Paulista, em 2022.

Em 2024, juntamente com o Movimento dos/as Trabalhadores/as Sem Teto - MTST e a Universidade Federal Rural de Pernambuco, iniciou-se a Escola MARIAS – Mulheres e Agriculturas Urbanas, uma iniciativa que formou 100 agricultoras, divididas em quatro turmas, que abordou temáticas ligadas à produção de alimentos com ensinamentos de práticas agroecológicas, além de um módulo sobre como preparar comidas com as produções das hortas, cuja intenção é trabalhar a educação alimentar com base nas possibilidades reais desses grupos, visando assim a promoção do que preconiza a SAN.

Esse material é fruto da reflexão acerca dos aprendizados, desafios e possibilidades promovidos pela experiência do Centro Sabiá no âmbito da assessoria às agriculturas urbanas e periurbanas, assim como da realização da primeira edição da Escola MARIAS.

Por fim, vale destacar que esse trabalho muito nos tem ensinado sobre organização comunitária, construção coletiva do conhecimento, promoção da saúde, resistência e luta para que as cidades sejam espaços de vida para TODAS as pessoas e em TODOS os sentidos que a vida nos pede. De-sejamos que esse material contribua para o fortalecimento e multiplicação das experiências de agriculturas urbanas e periurbanas de base agroecológica do Brasil.



INTRODUÇÃO



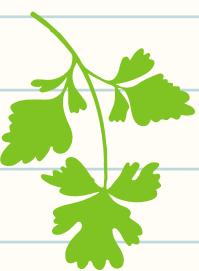
No âmbito dos movimentos sociais, que trabalham com agroecologia e segurança alimentar e nutricional, as agriculturas urbanas têm se destacado cada vez mais como um conjunto de sujeitos, saberes e práticas que fomentam transformações importantes nos territórios urbanos brasileiros. Nesse sentido, foi criado em 2014 o Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (CNAU), que é ligado à Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), e que tem assentos no Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN) e no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA).

O CNAU articula, identifica e sistematiza experiências de agriculturas urbanas de base agroecológica pelo Brasil, bem como luta por direitos e políticas públicas e produção de conhecimento sobre a agricultura urbana e temáticas relacionadas. No âmbito das Política Públicas para Agricultura Urbana e Periurbana destaca-se o seguinte quadro:

Em 26 de julho de 2024, foi criada a Lei Federal nº 14.935/2024, instituindo a Política Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana no Brasil., com o objetivo de promover a agricultura e a pecuária em áreas urbanas e periurbanas, integrando-as ao sistema ecológico e econômico das cidades.

No estado de Pernambuco, em 2021, foi instituída a Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica que cita no artigo 4º dos seus objetivos o parágrafo XIII “estimular e incentivar o fomento da agricultura urbana e periurbana, potencializando o uso de espaços urbanos para a produção de alimentos saudáveis” (PERNAMBUCO, 2021). Também foi promulgada em 2022 a Lei nº 18.094 de 2022, que dispõe sobre as diretrizes para as Políticas Públicas de Apoio à Agricultura Urbana e Periurbana no Estado de Pernambuco.

Alguns municípios de Pernambuco também avançaram na criação de estruturas e leis voltadas para a promoção e fortalecimento da Agricultura Urbana. A Prefeitura da Cidade do Recife criou em 2021 a Secretaria Executiva de Agricultura Urbana, cujo objetivo é “fomentar as práticas sustentáveis de agricultura no território do município, intensificando a produção agroecológica de alimentos e ervas medicinais, a partir de hortas e pomares em áreas públicas e

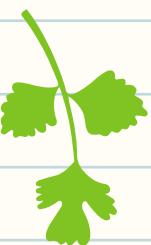
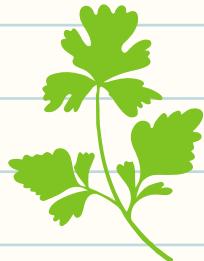


privadas com potencial agricultável na cidade, contribuindo para a segurança alimentar, a sustentabilidade ambiental, o fortalecimento das relações sociais e a economia solidária". Nesse mesmo ano, a referida Secretaria também elaborou um plano contendo as ações e metas a serem alcançadas.

O município de Paulista criou a Lei nº 5014/2021, uma Política de Apoio à Agricultura Urbana e Periurbana do município. A Lei é integrada à política urbana e de segurança alimentar e nutricional da população, em bases sustentáveis, para promover práticas agroecológicas e de economia solidária, diminuindo impactos no meio ambiente, no solo, na gestão de recursos hídricos, na saúde dos trabalhadores, dentre outros.

No interior do estado, o município de Petrolina, no ano de 2004 institui, por meio da Lei 1.592/2004, o Programa de Agricultura, que dentre os objetivos visa melhorar o acesso da população a uma alimentação de qualidade, incentivando o associativismo e a venda direta do produtor, proporcionar Terapia Ocupacional para pessoas com deficiência, da terceira idade e atividades educativas para alunos das escolas públicas municipais, além de aproveitar terras devolutas e garantir terrenos limpos.

O contexto apresentado aponta um avanço e ampliação de bases legais para o desenvolvimento da agricultura urbana tanto no Brasil, quanto no estado e em alguns municípios de Pernambuco. Apesar do avanço desses instrumentos legais, a agricultura urbana ainda necessita de garantia orçamentária voltada para ações de promoção e fortalecimento do conjunto de iniciativas diversas e populares que demandam por formação, assessoria técnica e fomento produtivo para o desenvolvimento e multiplicação das experiências.





CAPÍTULO 1: METODOLOGIA DE ASSESSORIA TÉCNICA PARA AGRICULTURAS URBANAS E PERIURBANAS DO CENTRO SABIÁ

Neste capítulo, pretende-se descrever o passo a passo adotado e que vem sendo experimentado na abordagem metodológica de assessoria do Centro Sabiá para a agricultura urbana e periurbana.

- **A mobilização da comunidade** e a parceria estabelecida com o Centro Sabiá, ao longo do tempo, se dá pela chegada nos territórios via parcerias com outras organizações da sociedade civil e movimentos sociais, que atuam na Região Metropolitana do Recife (RMR). A partir daí, se inicia a assessoria técnica aos grupos que compõem as hortas urbanas. Ao longo dos últimos nove anos, há um acúmulo de experiências que referenda o trabalho do Centro Sabiá que vai desde a criação/implantação de quintais e hortas urbanas e periurbanas, como o acompanhamento técnico e qualificação de experiências que já existiam. Todo o processo de mobilização busca fortalecer os processos de auto organização dos grupos numa perspectiva de gerar autonomia para as/os participantes;



- **As hortas assessoradas** estão localizadas em territórios onde há luta por acesso à moradia, água e alimentação saudável, portanto são hortas que estão em comunidades da periferia do Grande Recife com um recorte social de luta por acesso à direitos;



- **O público envolvido** é composto por voluntárias/os que têm interesse em práticas de cultivo de plantas e promoção da saúde integral. Majoritariamente são mulheres, negras, por vezes idosas, de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social, que fazem agricultura urbana nos seus quintais e nesses espaços coletivos.



- Semanalmente, acontecem **mutirões de cuidado nas hortas**, onde são realizadas a limpeza dos espaços, práticas agroecológicas como: preparação de solo, adubação, cobertura de solo, poda, compostagem, plantio, colheita e controle de pragas. Nos mutirões, acontece uma roda de conversa inicial para planejamento e distribuição das tarefas do dia e cada pessoa se responsabiliza por realizar uma tarefa, seja individual, ou coletivamente. O trabalho é acompanhado pelo assessor técnico, que realiza orientações sobre as tarefas e participa ativamente da realização delas. O mutirão semanal é realizado enquanto ferramenta pedagógica, que vai animando e fortalecendo os conhecimentos e laços do grupo. Durante os mutirões, é oferecido um lanche coletivo, que por vezes, pode representar uma importante refeição do dia dessas mulheres. Há alguns relatos, por parte das/os participantes, de consumo de frutas apenas nas atividades da horta. Nesse sentido, avalia-se que esse é uma importante estratégia para conversar sobre alimentação saudável. Ao final de cada mutirão, as/os participantes voltam a se encontrar na roda para avaliar os trabalhos do dia e partilhar os aprendizados alcançados.



- Além das ações de cuidado com o solo, são também realizadas **rodas de conversa** com orientações acerca da realização das atividades na horta, como orientações sobre poda, planejamento das ações ou para recepção de visitantes. Existem ainda as rodas de diálogos temáticas (segurança alimentar e nutricional, mudanças climáticas, acesso a direitos, trabalho não remunerado e direito reprodutivo das mulheres, entre outras), que podem ser realizadas pela assessoria técnica do Sabiá ou por parceiros convidados tais como universidades, ONGs e poder público local.

- São realizados **intercâmbios** para conhecer outras experiências de agricultura urbana e periurbana, que as colocam em contato com outros territórios. Propiciando troca de saberes, troca de sementes e mudas entre as agricultoras.



Darliton Silva / Acervo Centro Sabiá

- Por fim, existe uma **ação em rede** que existe desde 2018. A assessoria do Centro Sabiá estimula à participação das/os integrantes das hortas na Articulação de Agricultura Urbana e Periurbana da RMR (AUP RMR). A AUP RMR realiza reuniões bimestrais e é composta por experiências coletivas de agricultura urbana, quintais produtivos e ONGs, cujo foco é fortalecer a troca de experiências e fazer processos de incidência política no território.



CAPÍTULO 2: ESCOLA MARIAS: MULHERES E AGRICULTURAS URBANAS - INICIATIVAS AGROECOLÓGICAS PARA SUSTENTABILIDADE

2.1 - PORQUE UMA ESCOLA PARA AS MARIAS?

O mapeamento realizado em maio de 2021, pela Articulação de Agroecologia e Agricultura Urbana e Periurbana da RMR e o conjunto de experiências assessoradas pelo Centro Sabiá, demonstra que são as mulheres que têm protagonizado as experiências de agricultura urbana na RMR. São elas que mantêm os cuidados de forma contínua nesses espaços agricultáveis, se dedicando ao cultivo do solo e buscando o fortalecimento das relações comunitárias.

Ainda neste contexto, duas Marias que estiveram presentes nesta militância pela Agroecologia e pela agricultura urbana na RMR partiram, deixando saudade. Maria José dos Santos (★1970 - ✝ 2021), da comunidade Palha de Arroz, e Maria do Carmo Wanderlei de Freitas Barbosa (★1961 - ✝ 2023) da Horta Dandara. E é também em homenagem à elas que a **Escola MARIAS - Mulheres e Agriculturas Urbanas** recebeu esse nome.

2.2 - AS MÚLTIPLAS AGRICULTURAS URBANAS

As agriculturas urbanas têm se tornado uma alternativa viável para a produção de alimentos saudáveis dentro das cidades, promovendo benefícios ambientais, sociais e econômicos. No entanto, essa prática enfrenta diversos desafios da complexidade urbana e do racismo ambiental, como a falta de espaços, abastecimento irregular de água nas comunidades da periferia, falta de saneamento básico e o uso inadequado do solo. Além disso, muitas vezes há obstáculos burocráticos e falta de incentivos governamentais para a implementação de hortas comunitárias e outras iniciativas de cultivo.

As estratégias para plantar nos centros urbanos são diversas, pois muitas vezes não há espaços agricultáveis disponíveis. Existem hortas feitas em vasos, baldes e sacos, suspensas na parede (plantio vertical), em praças, parques ou em terrenos abandonados.

Em 2021, o Centro Sabiá definiu estrategicamente as comunidades periféricas como os territórios prioritários para atuação nas ações voltadas à agricultura urbana e periurbana, onde se encontram as populações socialmente vulneráveis. Nas comunidades, o protagonismo das mulhe-

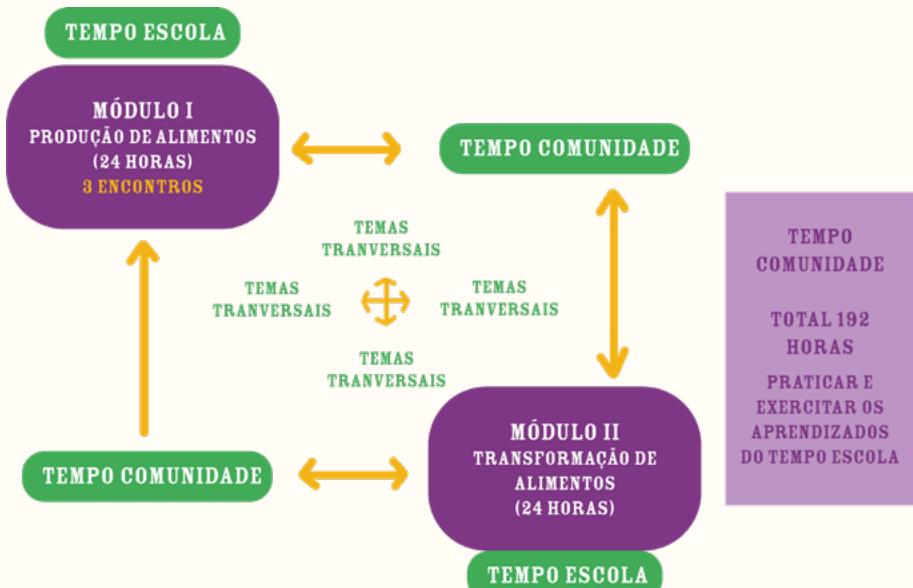
res, em especial mulheres negras, é notável. São elas que desempenham papel fundamental na manutenção e no desenvolvimento das hortas comunitárias e na transmissão de conhecimentos.

A Escola MARIAS vem para atender a necessidade de aprofundar esses conhecimentos sobre produção e beneficiamento dos alimentos, sobre Agroecologia, e sobre outros temas que são transversais e urgentes no cotidiano das mulheres e das cidades, sobretudo em um contexto de enfrentamento as emergências climáticas.



2.3 - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MARIAS

A formação aqui citada tem caráter de curso de extensão com carga horária de 260 horas/aula. Sendo dividida em dois módulos: Produção de Alimentos e Transformação de Alimentos, com carga horária total de 60 horas aulas, um intercâmbio de 8 horas e o tempo comunitade, nas hortas urbanas, que totalizam 192 horas, conforme apresentado no organograma a seguir:



Ao longo de dois anos, foram formadas 100 agricultoras/res urbanas que participaram de quatro turmas. Cada turma teve aulas durante seis meses. O foco da formação foi fortalecer as iniciativas de hortas urbanas e os sujeitos que delas participam, através da partilha de conhecimentos e de boas práticas em agricultura urbana.

O público participante foi de agricultoras urbanas das comunidades periféricas do Grande Recife, que já participam dos processos de assessoria técnica do Centro Sabiá em hortas. São elas:

- Horta da Cozinha Solidária do MTST - Vila Santa Luzia - Torre, Recife/PE;
- Horta Margaridas - Ocupação Aliança com Cristo, Jiquiá, Recife/PE;
- Horta Popular Agroecológica Dandara - Peixinhos, Recife/PE;
- Horta Popular Agroecológica Sonho de Viver - Ocupação Fazendinha, Boa Viagem, Recife/PE;
- Horta do Quilombo Onze Negras - Quilombo Onze Negras, Cabo de Santo Agostinho/PE.

Alguns critérios foram criados para seleção das estudantes que compuseram as quatro turmas tais como:

- 1. Frequência e envolvimento com a horta (listas de presenças);**
- 2. Disponibilidade de tempo para participar das atividades da escola;**
- 3. Ter conta em banco no seu nome para receber a bolsa de estudos.**

As aulas dos Módulo I - Produção de Alimentos e o Módulo II - Transformação de Alimentos e as palestras dos temas transversais aconteceram de forma presenciais, em dois dias de encontro a cada mês, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e na Cozinha Solidária do MTST da Vila Santa Luzia. E em cada um dos seis meses uma nova temática era trabalhada na roda.





Cada turma participou de um dia de intercâmbio de imersão, conhecendo outros territórios que desenvolvem alguma experiência de agricultura urbana. E para concluir a carga horária formativa, cada estudante dedicou ao menos oito horas semanais de cuidados na horta do seu território. Momento em que pôde, também pôr em prática as tarefas de casa, que eram sugerida pelas educadoras da Escola.



Uma das atribuições da assessoria técnica do Centro Sabiá é o acompanhamento, por meio de visitas semanais, às hortas urbanas. O mutirão semanal envolve processos educativos, contínuos e pedagogicamente adaptados às necessidades específicas de cada território/comunidade. O lanche coletivo oferecido é parte importante deste processo, pois garante acesso ao consumo

de alimentos de verdade, como frutas e suco natural, e menos alimentos ultraprocessados. Consumo estimulado nas conversas sobre Segurança Alimentar e Nutricional, presente nas práticas da Escola.



Arnaldo Sete / Marco Zero Conteúdo



Arnaldo Sete / Marco Zero Conteúdo

Por fim, destaca-se a ação em rede, que é o apoio e mobilização das hortas urbanas para participação na Articulação de Agricultura Urbana e Periurbana da RMR (AUP RMR). Este coletivo contempla a participação de cerca de vinte hortas urbanas e ONGs que fortalecem suas práticas e incidem politicamente na luta por direitos.

Metodologicamente, este conjunto de ações procura estimular a educação para autonomia nestes territórios/comunidades. Espera-se que, por meio dessas práticas pedagógicas, as estudantes possam VER, JULGAR e AGIR. E ao agir possam refletir conscientemente acerca de suas vulnerabilidades e direitos e, assim, encontrarem as possibilidades de transformação das suas realidades em busca de agroecossistemas urbanos saudáveis.



Darliton Silva/ Acervo Centro Sabiá

2.4 - OS FRUTOS DA ESCOLA MARIAS

Alguns relatos das colheitas desta ação, segundo a visão das educadoras, parceiros do projeto e mulheres participantes da Escola.

CAMILA PETRONI (AGRICULTORA URBANA E EDUCADORA MÓDULO I):

“Dar aula na Escola MARIAS foi uma experiência profundamente transformadora. Como educadora e também agricultora urbana, tive o desafio de converter vivências práticas, aquelas que fazem parte da nossa rotina, em conteúdo estruturado para a sala de aula. Desde o início, nosso planejamento tinha um propósito muito claro: oferecer o máximo de informações possíveis para facilitar e fortalecer o trabalho das alunas em suas hortas coletivas.

Nem sempre foi simples. Traduzir o que é aprendido com o tempo, com a terra e com os erros em uma linguagem que fizesse sentido para todas foi uma construção coletiva. Mas acredito que conseguimos algo muito valioso: plantamos sementes em cada turma, sementes que brotarão em saberes compartilhados, em novas práticas e, acima de tudo, em relações fortalecidas entre mulheres.

Sou profundamente grata ao Centro Sabiá, ao MTST e à UFRPE pela confiança. Estar em uma sala de aula dentro da UFRPE foi motivo de imenso orgulho. Ver o brilho nos olhos das estudantes ao ocupar esse espaço, muitas pela primeira vez dentro de uma universidade pública, me dava aquele quentinho no coração que não se explica, só se sente.

As aulas foram construídas com dinamismo, permeadas por práticas que tornavam o aprendizado mais acessível e leve. Trocas de sementes, de mudas e, principalmente, de experiências marcaram cada encontro. As alunas aprendiam entre si tanto quanto aprendiam conosco, educadoras, e isso foi uma das maiores riquezas do processo. Sigo com a certeza de que esse conhecimento, semeado com tanto carinho, vai se espalhar e florescer em muitas hortas, muitos quintais e muitos futuros.”



EDILZA MARIA DE LIMA (AGRICULTORA URBANA E EDUCADORA DO MÓDULO I):

“Fazer parte da Escola das MARIAS foi um privilégio, e ainda compartilhar os conhecimentos adquiridos com as experiências no Quintal Produtivo Maneirartes, permitindo expandir conhecimentos e aumentar o empoderamento feminino.

O Centro Sabiá, que há 32 anos planta em nossos corações a vontade de continuar caminhando com a agroecologia em nossas vidas, foi imprescindível para nossas alunas e alunos se tornassem agentes multiplicadores de agroecologia em suas hortas, através de conhecimento adquiridos com nossos ensinamentos.

E agradeço demais ao apoio da UFRPE, com seus colaboradores, que tornaram o espaço das aulas orgulho de nossas turmas, pois me emocionava ver seus olhos cheios de amor e orgulho por ser alunas e alunos, num lugar onde sonhavam em poder fazer parte, mas não acreditavam em conseguir."

VERÔNICA GOMES PEREIRA DE PAULA PINTO (AGRICULTORA PERIURBANA E EDUCADORA DO MÓDULO II):

"A Escola MARIAS tem sido uma experiência rica por trazer uma diversidade de pessoas para este espaço. Quebra paradigmas por trazer homens para perto dos trabalhos culinários. Como na primeira turma que havia homens mais idosos se envolvendo, participando ativamente, trazendo para si os cuidados com alimentação, mesmo dentro de suas dificuldades e limites.

Também me chamou a atenção ter jovens com essa preocupação e curiosidade. Alguns nunca tinham feito um bolo, nem sabiam como é que se fazia um bolo tão saudável, barato e prático. Ter esse retorno delas, de como foi satisfatório e enriquecedor, tornou essas vivências muito prazerosas. Bom sentir que eles conseguiram colocar na prática e na sua alimentação, no dia-a dia, alimentos como o pão, caseiro e natural, um bolo diferente, com coisas que eles já tenham em casa."

JOSÉ NUNES (EDUCADOR DA UFRPE - NAC):

"A Escola MARIAS foi um projeto de muito aprendizado para o Núcleo de Agroecologia (NAC-UFRPE) e, consequentemente, para a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Fruto de uma parceria do Centro Sabiá, a Escola MARIAS possibilitou a formação de 100 mulheres em Agriculturas Urbanas. A formação oferecida combinou de forma complementar atividades na UFRPE, na Cozinha Comunitária do MTST e atividades nas hortas (tempo-comunidade), onde essas mulheres dedicam trabalho para produzir alimentos saudáveis.

Dois aspectos foram fundamentais para que a formação alcançasse seus objetivos. O primeiro deles foi a garantia da bolsa de estudos para cada uma das mulheres participantes do projeto. A bolsa garante transporte com segurança, para chegar aos locais de aula, alimentação

saudável, que foi garantida com preço acessível pelo Restaurante Universitário da UFRPE. O segundo, foi a garantia da assessoria técnica realizada pelo Centro Sabiá durante o tempo-comunidade. Momento de praticar, no chão das hortas, os conhecimentos adquiridos ou aprimorados nos momentos de aprendizados na UFRPE ou na cozinha comunitária.

A experiência da Escola MARIAS, fortaleceu a compreensão de que as mulheres são protagonistas de múltiplos processos comunitários de transições agroecológicas; que as organizações da sociedade civil, a exemplo do Centro Sabiá, exercem um papel central para a consolidação desses processos comunitários, com assessoria técnica diferenciada e comprometida com as transformações sociais; que a agricultura urbana é uma realidade em diferentes cidades, exigindo dos governos, políticas públicas diversificadas e continuadas; e, que, a Universidade Pública, a partir de experiências como essa, avança na perspectiva da inclusão de pessoas, historicamente excluídas, nas estruturas formais de construção de conhecimentos.”

FELIPE FRANÇA (COORDENADOR ESTADUAL DO MTST BRASIL):

■ “Para nós do MTST, faz todo sentido e é um privilégio fazer parte da **Escola MARIAS**, porque nós nascemos enquanto movimento de luta pela moradia e pelo direito à cidade, mas não só, a gente busca todo tipo de direito que é negado às populações periféricas. E a gente vê sistematicamente a questão da Soberania e Segurança Alimentar como sendo uma questão muito deficitária nas periferias. Através das Cozinhas Solidárias, buscamos atacar o mal da fome, a subnutrição e a ausência de alimentos saudáveis na mesa da população periférica. A Escola MARIAS faz todo sentido para nós nessa luta. Que também é uma luta por mitigação dos efeitos das mudanças climáticas nas periferias.

A Escola MARIAS alcança as populações esquecidas de políticas públicas e desalentada com o processo democrático, trazendo, não só, a alimentação saudável, mas processos de animação, de retomada das histórias das pessoas, relacionadas a terra. Retomada de processos de solidariedade, na medida em que a metodologia desenvolvida é de educação popular, e no momento de negação do estado e o avanço da extrema direita, processos que buscam retomar a solidariedade entre o povo preto, periférico, favelado, são sempre louváveis. A Escola MARIAS cumpre esse papel, não só diretamente relacionada aos processos de Segurança e Soberania Alimentar, mas também na retomada de processos democráticos, na medida em que estamos sempre dialogando com as pessoas e fazendo trocas através de uma metodologia inclusiva e de construção de consciência coletiva. Vamos somar esforços com o Centro Sabiá para que a Escola tenha sustentabilidade e, quem sabe, se torne uma política pública duradoura no Estado brasileiro.”

SUELY BENTO DOS SANTOS (AGRICULTORA PERIURBANA DA HORTA QUILOMBO ONZE NEGRAS):

*“Não sei nem o que falar dessa experiência que eu passei na **Escola MARIAS**, já estou ficando um pouco triste porque minha turma vai acabar, porque eu amei, amei tudo. A faculdade, as aulas das professoras Camila e Edilza. Essa aula que estou tendo agora de culinária, aprendi coisas que eu não sabia, como fazer pão de cebola e cenoura, fazer carne de casca de banana. Hoje foi uma aula muito maravilhosa de fazer esfiha com carne de jaca, que eu amei. Não sei o que dizer dessa experiência durante esses seis meses, foi muito bom, amei, gostei demais, tanto da faculdade quanto de participar da horta comunitária, pois nos encontrávamos semanalmente. Pena que vai acabar, se pudesse continuar para mim ia ser uma maravilha. A experiência de ir para a Universidade e para a cozinha solidária foi uma coisa que eu nunca pensei de fazer, poder estar nestes lugares e fazer essas delícias que eu aprendi. Se pudesse viveria toda essa experiência de novo. Aprendi coisas que eu não sabia na horta, aprendi a fazer fertilizante, adubo, foi muito bom.”*

LUANA ALVES DA SILVA (AGRICULTORA URBANA DA HORTA POPULAR AGROECOLÓGICA SONHO DE VIVER):

*“Sempre gostei de plantas, de ver elas, mas apenas como curiosa. Na **Escola MARIAS** aprendemos a olhar o solo, a cuidar dele, tratar, como plantar, como usar o que tiramos do solo, para cuidar do próprio solo. Aprendemos a usar plantas de forma medicinal, fazendo lambedor, comida. Foram dois módulos aprendendo a plantar, cuidar e fazer nossa horta mais saudável. E no segundo módulo aprendemos a usar o que plantamos como meio de ganhar um dinheirinho, como meio de se alimentar melhor; a fazer compostagem, com cascas de verduras e frutas, que viraram adubo para nossa horta. Aprendemos que tipo de planta deve ter mais sol, horário de regar, como a lua tem efeito sobre as plantas dependendo da sua fase, a podar e sobre algumas plantas que não sabíamos para que serviam. A horta é muito importante nas comunidades. Para mim foi maravilhoso, aprendi muito. No intercâmbio, fomos na horta das Periféricas, aprendemos a fazer repelente e desodorante natural. É muito interessante tudo que aprendemos e poder ver a dedicação das professoras. Pudemos conhecer outras hortas, outras pessoas, outras histórias. Trocamos mudas com as outras hortas. Aprendemos a fazer fertilizante, adubo natural, canteiro instantâneo, muita coisa interessante.*

A Escola MARIAS me fez ver como é bom plantar, como é gostoso mexer na terra. Você põe aquela sementinha e quando vê tem flor bonita, é muito gratificante saber que você fez parte daquilo. Foi uma experiência única. Aprendemos a fazer doce, pão e bolo, com coisas colhidas da horta, além da palestra com a nutricionista. Fazer o enraizador natural foi muito

“interessante, conhecer as plantas da saúde da mulher, antiinflamatórias, plantas repelentes. Deveriam haver mais escolas de agricultura urbana, mais hortas participando, mais módulos, e construir mais hortas na cidade para mudar a vida de mais pessoas, porque as mulheres relatam que passam por depressão, agressão, perda de filhos e a horta ajuda elas. Depois da horta, eu sei cuidar, plantar. E pude ir para a Universidade, através da escola.”

MANUELA FERNANDA (AGRICULTORA URBANA DA HORTA POPULAR AGROECOLÓGICA DANDARA):

“Participar da Escola MARIAS foi uma experiência transformadora, que mexeu com meu corpo, minha mente e meu modo de enxergar o mundo. Mais do que aprender técnicas de agroecologia, eu me reconectei com a terra, com a ancestralidade e com outras mulheres que, assim como eu, carregam saberes, histórias e sonhos de transformação. Cada encontro foi um aprendizado incrível, de cuidado com a terra, do cultivo consciente, da alimentação saudável. Assuntos que são de tremenda importância para a resistência das mulheres do campo e da cidade. Na Escola MARIAS, aprendemos na prática o que é o coletivo, o que é construir juntas, com escuta, afeto e trabalho. Sou grata por ter feito parte dessa caminhada. Saio com mais conhecimento, aprendizados, trocas e sem dúvida experiências que jamais serão esquecidas.”



QUITÉRIA TORRES DA SILVA (AGRICULTORA URBANA DA HORTA DA COZINHA SOLIDÁRIA DO MTST - VILA SANTA LUZIA):

“Cheguei na Escola MARIAS através da Horta da Cozinha Solidária da Vila Santa Luzia. Eu já tinha alguma experiência com hortas, mas só sabia plantar, não sabia que tinha tempo certo de fazer o plantio, fazer as mudas, que precisa cortar o excesso de folhas depois de plantar as mudas das frutas. Isso eu não sabia. E aprendi isso depois que entrei na Escola. Aprendi sobre a aplicação do estrume (adubação), o adubo 4 em 1 que as professoras ensinaram na universidade. Eu nunca fiz faculdade, nunca tinha entrado numa faculdade. A primeira vez que eu entrei foi através da horta. Me ajudou bastante e eu gostei muito. Gostei das professoras, e Gabriel (Hirata, técnico do Centro Sabiá) também me ajuda, me explica como fazer as mudas. Está sendo uma experiência maravilhosa.”



KÉCIA ALLANA DOS SANTOS (AGRICULTORA URBANA DA HORTA MARGARIDAS):

“Agradeço pela oportunidade maravilhosa de ter participado da Escola MARIAS. Foi uma experiência que vou levar para toda vida. Onde eu pude aprender a preparar terra, como plantar e até fazer mudas. Também aprendi a fazer fertilizantes 100% naturais, e melhor ainda, aprendi a produzir alimentos com o que temos em nossa horta. E hoje posso dizer que me sinto uma agricultora. Colocando sempre em prática a experiência que a Escola MARIAS me ensinou.”



CAPÍTULO 3: O ABC DAS MARIAS

O perfil da maior parte das participantes das ações assessoradas pelo Centro Sabiá na RMR e na primeira edição da Escola MARIAS são de mulheres adultas ou idosas com Ensino Fundamental incompleto conforme pode ser visualizado nos gráficos abaixo:

FAIXA ETÁRIA DAS ESTUDANTES

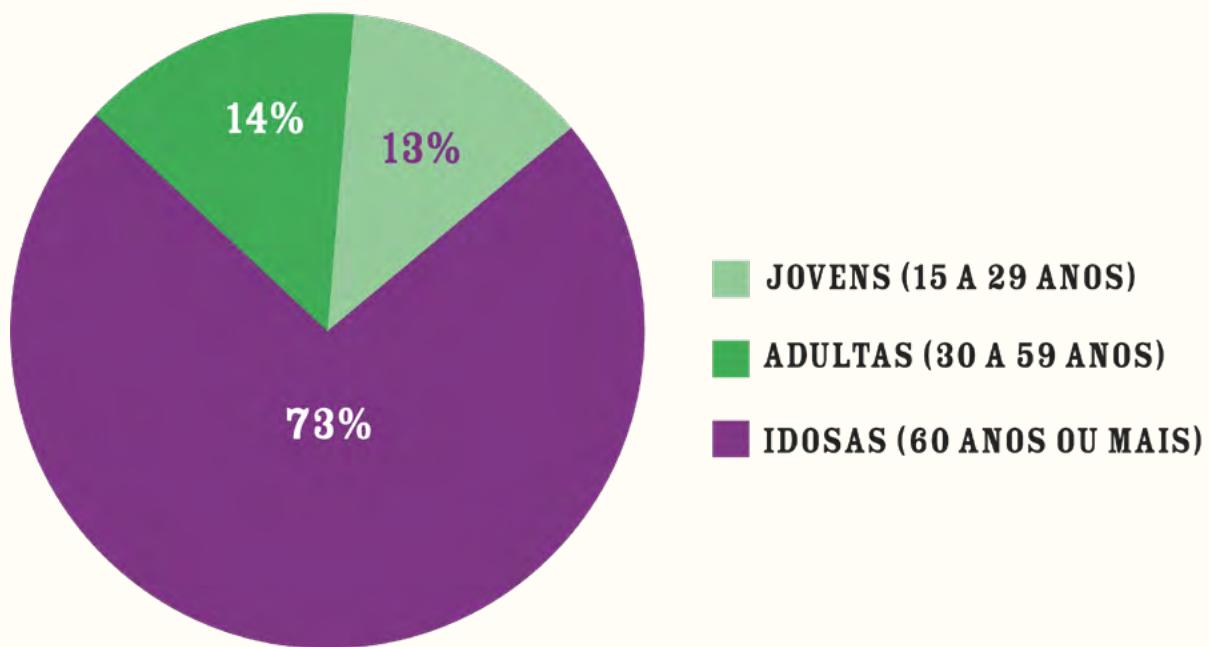


Gráfico 1 - Faixa etária das mulheres que participaram da Escola MARIAS (dados de cadastro de participantes da escola).

ESCOLARIDADE DAS ESTUDANTES

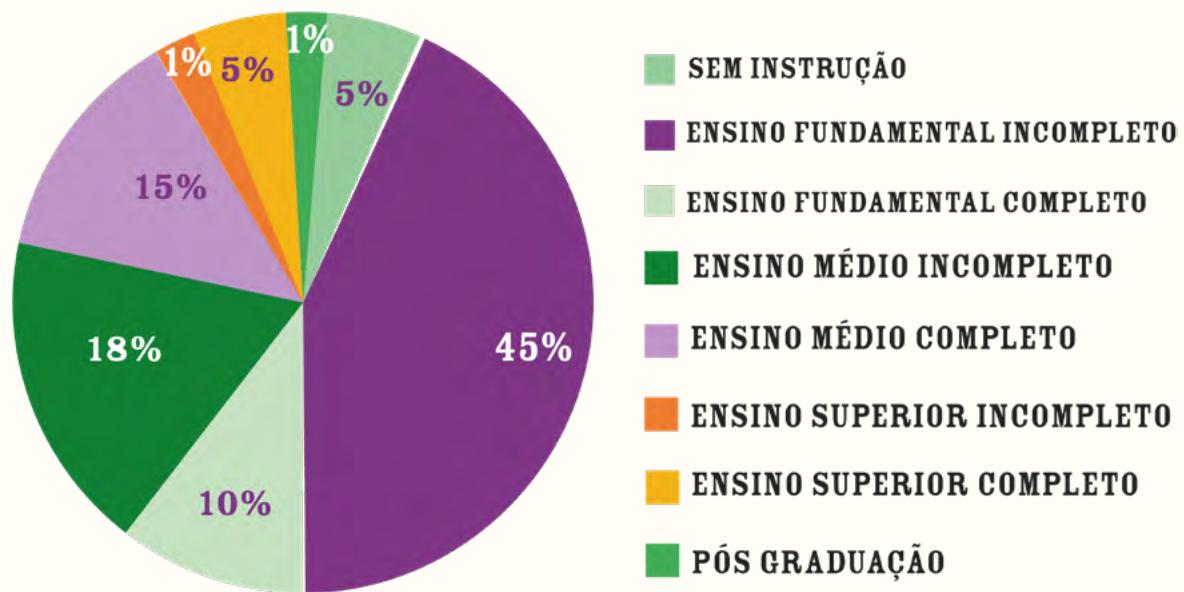


Gráfico 2 - Escolaridade das mulheres que participaram da Escola MARIAS (dados do cadastro e participantes da escola).

De forma geral, são mulheres que buscam, fora de casa, espaços de cuidado, aprendizado e acolhimento. Quando surgiu a oportunidade delas participarem de uma formação em boas práticas de agricultura urbana, no projeto da **Escola MARIAS**, algumas não se sentiram confortáveis de participar, pois achavam que não sabendo ler, não conseguiram acompanhar as aulas.

A resposta para essa questão veio com o **ABC das MARIAS**, um projeto piloto de alfabetização e letramento realizado com as agricultoras da Horta Popular Agroecológica Dandara, que acontece na Biblioteca Multicultural Nascedouro (BMN), no bairro de Peixinhos. A iniciativa da professora voluntária, Aurenice Maria do Nascimento Lima, conta com a participação da equipe da BMN e com o apoio do Centro Sabiá. A ideia surgiu quando Aurenice fez uma visita à sede do Centro Sabiá e soube dos relatos de preocupação das estudantes em frequentar a Escola pela dificuldade de leitura.



O objetivo do **ABC das MARIAS** não é apenas alfabetizar, visto como um processo que permite ao indivíduo inicialmente ler e escrever textos curtos, mas sim o letramento, que é a capacidade de desenvolver e ampliar as habilidades da alfabetização em práticas sociais, e assim contribuir não apenas para sua melhoria pessoal, mas também coletiva. Essas habilidades fazem parte dos direitos fundamentais e são essenciais na construção da cidadania.



Outro objetivo é que as 'Marias' possam ampliar seu vocabulário e encontrem prazer na leitura como fonte de entretenimento, conhecimento e desenvolvimento do canal da expressividade, para relatarem suas próprias histórias, que são expressão de suas realidades. Além de poderem exercitar a escrita para se tornarem autoras dos seus textos e produtoras de memórias afetivas do seu mundo, conforme relata a professora Aurenice:

AURENICE MARIA DO NASCIMENTO LIMA (EDUCADORA VOLUNTÁRIA):

"Em maio de 2024 visitei o Centro Sabiá...Fiquei impressionada com as novidades e queria saber mais sobre a Escola MARIAS. Foi-me dito que as/os participantes daquele projeto aprendiam novas técnicas de cultivar a terra e seus frutos, o que lhes proporcionava novas relações pessoais e também com a natureza, mas havia um problema: o Centro Sabiá desejava fazer apostilas contendo as temáticas trabalhadas no curso, porém havia um empecilho, a maioria das/dos participantes não sabia ou tinha um baixo nível de letramento e por isso pensava-se em transformar as apostilas em áudios.

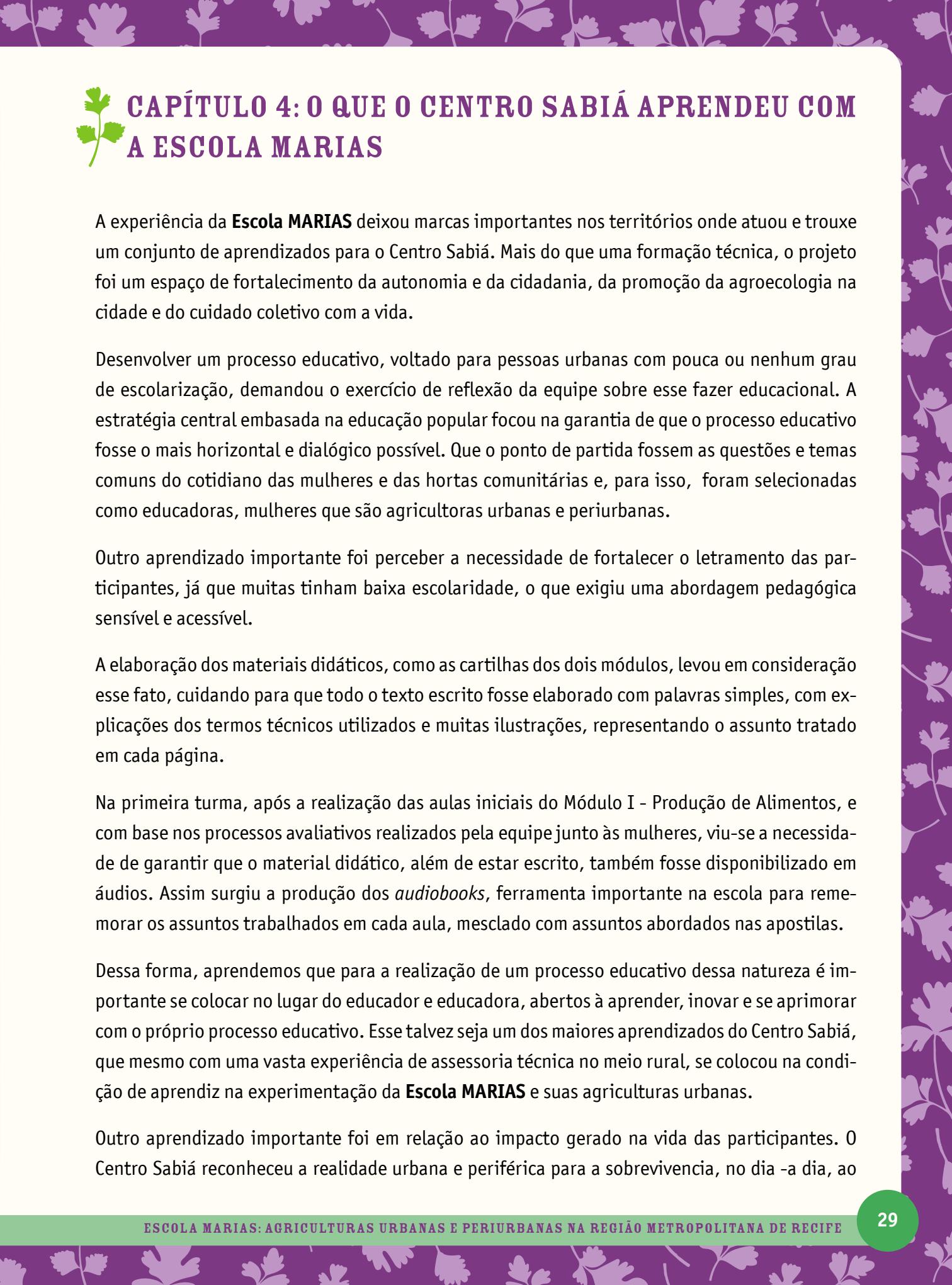
Foi aí que me veio uma pergunta, bastante óbvia para uma professora de idiomas: por que não ensinar esse público a ler e escrever? O desafio foi implementar uma metodolo-

gia que pudesse abraçar mulheres já maduras, moradoras da periferia, com vários problemas econômicos e familiares e que não tinham se adaptado ao ensino convencional: seja na sua infância, juventude ou na idade adulta. Para mim tem sido uma experiência emocionante e desafiadora, pois até então dava aulas de alemão e de português para estrangeiros, para um público acadêmico e consultoria na área de Direitos Humanos. Trabalhar com um público tão diferenciado como as mulheres da Horta Dandara é a concretização de um projeto de Direitos Humanos voltado para uma educação inclusiva e sinto-me tão envolvida com esse trabalho, que resolvi me matricular num curso de Letras-Português, com ênfase na formação pedagógica.”

ROSEMARY ARCANJO DA SILVA, AGRICULTORA URBANA DA HORTA POPULAR AGROECOLÓGICA DANDARA relata:

*“Para mim é uma alegria muito grande, uma satisfação fazer parte da **Escola MARIAS e do ABC das MARIAS**. Ali, com as professoras maravilhosas, eu estou aprendendo, esqueço os aperreios, as preocupações. Me distraio conhecendo as palavras, aprendendo a ler, aprendendo a falar com as pessoas. Aprendo a ser mais eu, ser mais Rosemary. Gosto de ficar com as professoras, de brincar com elas e ficar com a turma. Ali, eu me sinto mais em casa. Deixo meus aperreios e foco nas leituras e na sabedoria que as professoras passam para mim. Eu só tenho que agradecer.”*

Em paralelo a essa ação de alfabetização, o Centro Sabiá criou um audiobook, com áudios enviados pelo whatsapp, contendo o resumo das duas apostilas impressas e do que foi apresentado em sala de aula pelas educadoras. Essa ação teve o objetivo de auxiliar a aprendizagem das companheiras que não se sentiam confortáveis com a leitura e assim tornar o material acessível e uma verdadeira fonte de pesquisa e revisão.



CAPÍTULO 4: O QUE O CENTRO SABIÁ APRENDEU COM A ESCOLA MARIAS

A experiência da **Escola MARIAS** deixou marcas importantes nos territórios onde atuou e trouxe um conjunto de aprendizados para o Centro Sabiá. Mais do que uma formação técnica, o projeto foi um espaço de fortalecimento da autonomia e da cidadania, da promoção da agroecologia na cidade e do cuidado coletivo com a vida.

Desenvolver um processo educativo, voltado para pessoas urbanas com pouca ou nenhum grau de escolarização, demandou o exercício de reflexão da equipe sobre esse fazer educacional. A estratégia central embasada na educação popular focou na garantia de que o processo educativo fosse o mais horizontal e dialógico possível. Que o ponto de partida fossem as questões e temas comuns do cotidiano das mulheres e das hortas comunitárias e, para isso, foram selecionadas como educadoras, mulheres que são agricultoras urbanas e periurbanas.

Outro aprendizado importante foi perceber a necessidade de fortalecer o letramento das participantes, já que muitas tinham baixa escolaridade, o que exigiu uma abordagem pedagógica sensível e acessível.

A elaboração dos materiais didáticos, como as cartilhas dos dois módulos, levou em consideração esse fato, cuidando para que todo o texto escrito fosse elaborado com palavras simples, com explicações dos termos técnicos utilizados e muitas ilustrações, representando o assunto tratado em cada página.

Na primeira turma, após a realização das aulas iniciais do Módulo I - Produção de Alimentos, e com base nos processos avaliativos realizados pela equipe junto às mulheres, viu-se a necessidade de garantir que o material didático, além de estar escrito, também fosse disponibilizado em áudios. Assim surgiu a produção dos *audiobooks*, ferramenta importante na escola para rememorar os assuntos trabalhados em cada aula, mesclado com assuntos abordados nas apostilas.

Dessa forma, aprendemos que para a realização de um processo educativo dessa natureza é importante se colocar no lugar do educador e educadora, abertos à aprender, inovar e se aprimorar com o próprio processo educativo. Esse talvez seja um dos maiores aprendizados do Centro Sabiá, que mesmo com uma vasta experiência de assessoria técnica no meio rural, se colocou na condição de aprendiz na experimentação da **Escola MARIAS** e suas agriculturas urbanas.

Outro aprendizado importante foi em relação ao impacto gerado na vida das participantes. O Centro Sabiá reconheceu a realidade urbana e periférica para a sobrevivência, no dia -a dia, ao

garantir no projeto a bolsa de estudos para as/os participantes. Com esse apoio, elas puderam ter acesso a uma alimentação mais saudável nos dias de aula, se deslocar com mais conforto e dignidade e ainda investir em necessidades pessoais, isso contribuiu para aumentar a autoestima e autonomia das mulheres.

Com as rodas de conversa dos Temas Transversais, que abordaram temas como direitos das mulheres, segurança alimentar e nutricional, cidadania e ancestralidade, que ajudaram a despertar a consciência das participantes, o Centro Sabiá aprendeu que para trabalhar a agricultura urbana é fundamental compreender que os corpos das mulheres são territórios, que carregam as marcas de onde vivem, fortemente afetados por violências, poluição, falta de saneamento, racismo ambiental e os impactos crescentes das mudanças climáticas.

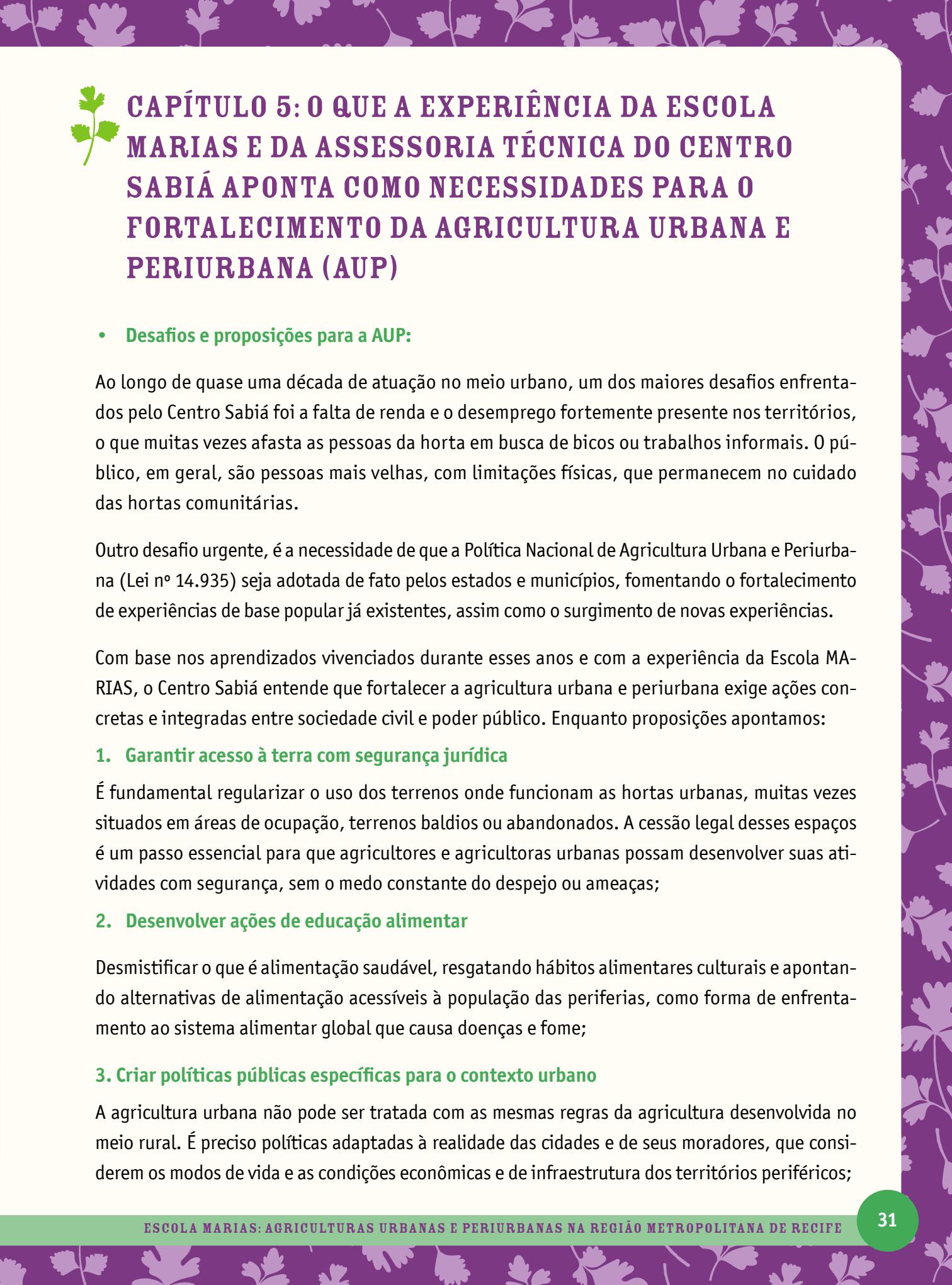
Por isso, tais corpos precisam de saúde para o enfrentamento das desigualdades vivenciadas no cotidiano. Muitas mulheres retomaram saberes tradicionais sobre o uso de plantas medicinais e passaram a cuidar mais da própria saúde, tanto física, quanto emocional. Esse processo de autocuidado também reforçou os laços comunitários e o sentimento de pertencimento.

A partir de temas que emergem do cotidiano das hortas e do diálogo pautado nas práticas, observamos um salto de qualidade nas atividades das hortas, contribuindo para a segurança alimentar e até para geração de renda, em alguns casos. As mulheres das hortas conseguiram aplicar na prática os conhecimentos adquiridos, sobre como manter o solo vivo, o preparo dos canteiros, a adubação, a compostagem, o preparo de caldas naturais, a colheita e o beneficiamento dos alimentos.

Fazer agricultura urbana demanda a construção de soluções criativas e viáveis diante da diversidade de contextos presentes nos centros urbanos. Em locais onde não havia solo adequado o conhecimento agroecológico construiu soluções alternativas, como cultivo em baldes, sacos de ráfia e plantio vertical. Além disso, a introdução de espécies de serviço como bananeira, margaridão, feijão guandu e feijão de porco ajudou a regenerar o solo e trazer mais vida aos espaços.

Durante o processo, o Centro Sabiá também acumulou outros aprendizados importantes. Um deles foi compreender que cada território urbano tem suas próprias especificidades e desafios. A convivência das mulheres com as vulnerabilidades sociais e ambientais das periferias impacta diretamente o ritmo e a dinâmica das hortas. Além disso, muitas hortas estão em terrenos de ocupação ou baldios, o que mostra a urgência de se garantir segurança jurídica para esses espaços.

Enquanto no meio rural a agricultura é tida como um modo de vida e possui toda uma lógica de reprodução, na cidade, a agricultura urbana ainda luta por visibilidade e valorização. A realidade de quem planta na zona urbana é diferente, e por isso, precisa ser tratada com políticas públicas próprias e abordagens adequadas às diversas especificidades.



CAPÍTULO 5: O QUE A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA MARIAS E DA ASSESSORIA TÉCNICA DO CENTRO SABIÁ APONTA COMO NECESSIDADES PARA O FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA URBANA E PERIURBANA (AUP)

- **Desafios e proposições para a AUP:**

Ao longo de quase uma década de atuação no meio urbano, um dos maiores desafios enfrentados pelo Centro Sabiá foi a falta de renda e o desemprego fortemente presente nos territórios, o que muitas vezes afasta as pessoas da horta em busca de bicos ou trabalhos informais. O público, em geral, são pessoas mais velhas, com limitações físicas, que permanecem no cuidado das hortas comunitárias.

Outro desafio urgente, é a necessidade de que a Política Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana (Lei nº 14.935) seja adotada de fato pelos estados e municípios, fomentando o fortalecimento de experiências de base popular já existentes, assim como o surgimento de novas experiências.

Com base nos aprendizados vivenciados durante esses anos e com a experiência da Escola MARIAS, o Centro Sabiá entende que fortalecer a agricultura urbana e periurbana exige ações concretas e integradas entre sociedade civil e poder público. Enquanto proposições apontamos:

1. Garantir acesso à terra com segurança jurídica

É fundamental regularizar o uso dos terrenos onde funcionam as hortas urbanas, muitas vezes situados em áreas de ocupação, terrenos baldios ou abandonados. A cessão legal desses espaços é um passo essencial para que agricultores e agricultoras urbanas possam desenvolver suas atividades com segurança, sem o medo constante do despejo ou ameaças;

2. Desenvolver ações de educação alimentar

Desmistificar o que é alimentação saudável, resgatando hábitos alimentares culturais e apontando alternativas de alimentação acessíveis à população das periferias, como forma de enfrentamento ao sistema alimentar global que causa doenças e fome;

3. Criar políticas públicas específicas para o contexto urbano

A agricultura urbana não pode ser tratada com as mesmas regras da agricultura desenvolvida no meio rural. É preciso políticas adaptadas à realidade das cidades e de seus moradores, que considerem os modos de vida e as condições econômicas e de infraestrutura dos territórios periféricos;

4. Garantir formas de geração de renda ou de pagamento por serviços ambientais

Em tempos de acirramento das mudanças climáticas, parte das experiências desenvolvidas transformam espaços que antes eram depósito de lixos em áreas verdes e com micro climas. Essa possibilidade pode estimular a continuidade das experiências existentes ou ampliar o conjunto de iniciativas, podendo ser uma alternativa para o envolvimento das juventudes urbanas nestes processos;

5. Investir em formação continuada e acesso a tecnologias sociais

Oficinas, cursos de extensão, intercâmbios de trocas de saberes devem ser incentivadas para fortalecer o conhecimento agroecológico e sobre educação alimentar. Técnicas de plantio de espécies adaptadas ao contexto urbano e a coleta e armazenamento de água das chuvas, são ferramentas estratégicas;

6. Fomentar projetos e iniciativas comunitárias

Apoios como bolsas, editais, parcerias com universidades e estímulo à comercialização dos alimentos são formas concretas de valorizar o trabalho realizado por mulheres e lideranças comunitárias nos territórios;

7. Fortalecer as redes de apoio e articulação entre hortas

Atuar em rede permite trocas de experiências, resistências coletivas e maior capacidade de incidência política. A organização comunitária e o diálogo com movimentos sociais, ONGs e gestores públicos são chaves para garantir avanços reais e duradouros;

8. Reconhecer a agricultura urbana como estratégia de saúde e bem-estar

As hortas não são apenas espaços de produção de alimentos, mas também de cura, convivência e pertencimento. Investir nelas é investir na saúde integral das pessoas e na recuperação das cidades e seus cidadãos e cidadãs;

9. Combater o racismo ambiental e as desigualdades sociais

Políticas de agricultura urbana precisam ter recorte de classe, gênero e raça. As populações mais impactadas pela crise climática e pelo abandono urbano precisam estar no centro das soluções.



BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Lei nº 5.014, de 18 de setembro de 2021. Disponível em: https://www.legisweb.com.br/arquivo/1677853286_5014-de-2021.pdf. Acesso em: 19 maio 2025.

FIOCRUZ. Agriculturas Urbanas Agroecológicas e Promoção da Saúde: fortalecendo diálogos, memórias e redes. Organizado por Lorena Portela Soares. Fiocruz / Articulação Nacional de Agroecologia / Coletivo Nacional de Agricultura Urbana. Rio de Janeiro, 2023.

JUSBRASIL. Análise da Lei nº 14.935, de 26 de julho de 2024: Instituição da Política Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 19 maio 2025.

PERNAMBUCO. Lei nº 17.158, de 8 de janeiro de 2021. Institui a Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica e estabelece as diretrizes para o Plano Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica do Estado de Pernambuco. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2025.

PERNAMBUCO. Lei nº 18.094, de 28 de dezembro de 2022. Dispõe sobre as diretrizes para as Políticas Públicas de Apoio à Agricultura Urbana e Periurbana no Estado de Pernambuco. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2025.

RECIFE. Secretaria Executiva de Agricultura Urbana. Site da Prefeitura da Cidade do Recife. Disponível em: <https://www.recife.pe.gov.br/secretaria-executiva-de-agricultura>. Acesso em: 15 maio 2025.



EXPEDIENTE

Escola MARIAS – Mulheres e Agriculturas Urbanas:

EDUCANDAS/OS:

Adrielly Lays Souza Passos	Fábio Luiz Da Silva
Aldemira Maria De Lyra	Felipe Cavalcanti França
Aldenize Maria Da Silva	Gabriel Melo Lopes De Souza
Alexsandra Santana De Oliveira	Geni Firmino Da Silva
Ana Cristina Maria De Lima	Gerlúcia José Dos Santos
Ana Lúcia De França Silva	Helena Gabriela Sampaio Viana
Anaura Arcelina Oliveira Da Silva	Ingá Maria Lima Patriota
Angélica Silva De Oliveira	Isabel Cristina Nunes Da Silva
Aurilene Maria De Santana	Isadora De Oliveira Guimarães
Avani Da Conceição Silva	Ivanilda Ferreira Carneiro Pinto
Braylem Silva Ferreira De Oliveira	Jackeline Severiano De Melo Santana
Bruna Laudicea Do Nascimento	Jéssica Talia Da Conceição
Carlos Antonio Diniz	João Manoel De Oliveira Santos
Carlos Victor Pinto Pimentel	Joelma Marcia Da Silva
Claiton Ramos Dos Santos	José Eduardo Luis Da Silva
Cristiane Maria Da Silva	José Lucídio Do Rego
Danyelli Felix Da Costa	Joselita Francisca Belmiro
Edinalva Lima Varela	Juliana De Carvalho F. Pinto
Ednalta Francisca Da Silva	Juliana Ferreira Da Silva
Edneuza Vicente De Oliveira	Juliana Maria Da Silva
Elisangela Dos Santos Melo	Juliana Rosa Da Silva
Elisangela Jesus Da Silva	Karina De Jesus Silva
Erica Patrícia F. Da Silva	Karla De Oliveira Da Silva
Evandra Dantas Da Silva	Kécia Allana Dos Santos

Lidiane Alves Trindade
Luana Alves Da Silva
Luana Maria Santos
Luciana Silva De Lima
Magda Santiago Da Silva
Manoel Oscar Do Nascimento
Manuela De Mendonça Dantas
Manuela Fernanda Da Silva Nunes
Márcia Suellem Dos Santos
Maria Das Graças Ramos Dourado
Maria Do Carmo Gomes De Santana
Maria Dos Prazeres Araújo De Oliveira
Maria Dos Prazeres Da Silva
Maria Izabel Da Conceição
Maria José Da Silva
Maria José Da Silva
Maria José Gonçalves
Maria José Venancio
Maria Juciara Da Silva Santos
Maria Lindalva De Jesus Silva
Maria Lúcia Marques Ramos
Marilene Tavares Da Silva
Marília De Natália De Santana
Marinalda Nascimento De Lima
Marli Araujo Dos Santos
Marly Lopes Da Silva
Mayra Drielle Félix Santos
Mirele Da Silva Maciel
Natalia Nascimento Alves
Paulo Luiz Da Silva
Quitéria Torres Da Silva
Robson Barros Da Silva
Roseli De Lima Silveira
Rosimary Arcanjo Da Silva
Rosineide **Maria** Da Silva
Sabina Ferreira Neta De Oliveira
Sandra **Maria** De Santana
Sandra **Maria** Pereira Da Silva
Silvana Borges Da Silva
Simone Silva De Moura
Suely Bento Dos Santos
Tania **Maria** Dos Santos
Tarciane **Maria** De Melo
Thamiris Santos Vieira
Thayana Patrícia Pereira
Valéria Dos Santos De Oliveira
Vastir Zacarias Da Silva
Vera Lucia De Barros
Vera **Maria** Da Silva
Vilma Miguel Dos Santos Oliveira
Viviane Gomes Da Cunha
Wilka Bezerra Da Silva.

Educadoras:

Camila Petroni

Edilza Maria de Lima

Verônica Gomes Gomes Pereira de Paula Pinto

Equipe Centro Sabiá:

Aniérica Almeida (coordenadora técnico-pedagógica)

Gabriel Hirata de Lima (técnico)

Pedro Eugênio (financeiro)

Simone Arimatéia (técnica)

Equipe UFRPE:

Marcos Figueiredo

José Nunes da Silva

Equipe MTST:

Felipe Cavalcanti França

Juliana de Carvalho F. Pinto

Voluntárias/os do ABC das MARIAS:

Aurenice Maria do Nascimento Lima

Carmem Lúcia Bandeira

Marcos Lima Varela

Rogério Bezerra

Coordenação da Produção de Conteúdo:

Aniérica Almeida

Produção de Conteúdo:

Aniérica Almeida

Gabriel Hirata de Lima

Simone Arimatéia

Edição e Revisão:

Rosa Sampaio

DRT 3510/PE

Ilustração e diagramação:

Carol Barreto

Foto da Capa:

Arnaldo Sete/ Acervo Centro Sabiá

Impressão:

Provisual Gráfica e Editora LTDA

Tiragem:

500 exemplares



Arnaldo Sete / Marco Zero Conteúdo



Realização



Parceria



Apoio

